



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

SIDNEI DA CONCEIÇÃO MONTEIRO

**ENSINO DE JOVENS E ADULTOS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES:
Memórias de Licenciandos em Ciências Biológicas**

BELÉM-PA
2018

SIDNEI DA CONCEIÇÃO MONTEIRO

ENSINO DE JOVENS E ADULTOS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES
Memórias de Licenciandos em Ciências Biológicas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Pará – UFPA, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientadora:
Prof^a. Dra. Sheila Costa Vilhena Pinheiro

BELÉM-PA
2018

SIDNEI DA CONCEIÇÃO MONTEIRO

**ENSINO DE JOVENS E ADULTOS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES:
Memórias de Licenciandos em Ciências Biológicas**

Avaliado em 19/01/ 2018.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Dra. Sheila Costa Vilhena Pinheiro
Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências Biológicas - ICB

Avaliador: Jackson Costa Pinheiro
Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências Biológicas - ICB

Avaliador: Leandro Passarinho Reis Júnior
Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências Biológicas - ICB

Dedico este trabalho primeiramente a Deus de maneira sumamente importante e a todas as pessoas que de maneira direta ou indireta contribuíram positiva ou negativamente para a construção do mesmo, sem vocês não seria possível realizar a grande tarefa de concluí-lo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus primeiramente, pois sem ele eu não teria tido forças para terminar essa jornada da graduação, parecia já impossível, mas ele me fez ver que era possível.

Agradeço a minha família, a minha mãe Sonia Maria pelo incentivo, a minha irmã Lidiane Monteiro, que financiou meu cursinho, Meu pai Lucio Monteiro por todas as chamadas de atenção, por todas as cobranças, as quais me ajudaram a perceber a importância dessa vitória.

Agradeço Minha Esposa Beatriz Monteiro, que esteve ao meu lado me ajudando no que podia para tornar esse sonho possível.

Agradeço aos meus amigos queridos Jachson costa, Isaias Jesus, Rozemberg Maciel, por toda força, companheirismo, auxílios, suporte e acolhimento e encorajamento, que foram elementos fundamentais para o termino deste trabalho.

Agradeço a Profª Drª. Sheila Vilhena por todo tempo despendido para me orientar na confecção do trabalho, sua parcela de contribuição foi fundamental para a realização desta grande tarefa, obrigado por ter aceitado ser a minha orientadora.

***“Para Deus não haverá
impossíveis em todas as suas
promessas” (Lc 1.37).***

Conteúdo

RESUMO	15
ABSTRACT	16
1. INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA	7
1.1 Educação de Jovens e Adultos	7
1.2 Formação Inicial de Professores na EJA.....	9
3. OBJETIVO GERAL.....	14
4. REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
4.1 Breve Histórico aos dias de hoje.....	15
4.2 EJA E SUAS FUNÇÕES	19
4.3 Perfil dos Alunos	21
4.4 Indicadores de Problemas.....	22
4.5 A importância do Estágio na EJA.....	24
5. METODOLOGIA	26
6. ANÁLISE DO MATERIAL EMPÍRICO	28
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	36
ANEXOS.....	41

RESUMO

Este trabalho constitui-se uma investigação de natureza qualitativa e objetiva investigar aspectos positivos e problemáticas do Ensino de Jovens e Adultos que emergem das experiências de estágio docente, entre licenciandos em biologia, de uma universidade pública federal. O **contexto** desta pesquisa consiste na formação inicial de professores em Ciências Biológicas e seu **lôcus** de investigação situa-se em turmas concluintes do ano de 2010 do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Pará. Os estudantes foram selecionados em função da demanda de alunos que optaram por estagiar nessa modalidade de educação de jovens e adultos, totalizando 2 (duas) licenciandas. O instrumento adotado para a construção de material empírico da pesquisa foi a entrevista semi-estruturada realizada individualmente com os dois sujeitos da pesquisa, as quais foram registradas em equipamento de áudio com duração média de 30 minutos, a partir das análises do material empírico que foi feita em função das ênfases dos sujeitos a reiterar alguns aspectos relacionados ao foco da pesquisa, emergiram duas categorias analíticas: Aspectos considerados positivos das experiências de estágio na EJA e b. Aspectos considerados negativos e as problemáticas advindas da experiência de estagio na EJA. A análise dos dados nos revelou que, em termos gerais, aspectos positivos da experiência do estágio situam-se na percepção sobre o interesse dos alunos nas aulas e a motivação que o professor passa ao aluno, os quais constituem elementos imprescindíveis nas aulas de EJA. A EJA na visão dos sujeitos se constitui uma excelente oportunidade de regressar aos estudos que outrora foram abandonados. Elementos como, dificuldade em aliar a teoria com à pratica, falta de dinâmica do professor e passividade do professor se constituem os maiores problemas e desafios advindos das aulas de EJA, deixando bem visível a necessidade de um bom preparo para o futuro professor dessa modalidade.

PALAVRAS-CHAVES: Formação Inicial de Professores, Educação de Jovens e Adultos, Estágio de Docência, Percepções Formativas.

ABSTRACT

1. INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA

Minha trajetória acadêmica me permitiu observar, apesar do pouco tempo de estágio na educação de Jovens e adultos, algumas situações e problemáticas de uma educação que precisa ser observada, estudada e melhor desenvolvida. Percebi que a Educação de Jovens e Adultos trata-se de um tipo de educação diferenciada das demais, apesar disso, a Educação de Jovens e Adultos no Brasil vem superando os obstáculos ao longo dos anos por se tratar de uma educação voltada para uma parcela da população que se encontra excluída da sociedade letrada. Porém, Pereira (2007) afirma existir um caminho que ainda precisa ser percorrido, e nesse caminho é necessário que se supere o que talvez seja um dos maiores obstáculos para efetivação do ensino para jovens e adultos: o olhar diferenciado para o ensino na EJA. O educando dessa modalidade de ensino precisa ser visto como ser que traz consigo uma bagagem de conhecimentos diferentes dos alunos do ensino regular.

1.1 Educação de Jovens e Adultos

Conforme a LBD 9394/96 de 20/12/1996 a Educação de Jovens e Adultos – EJA é uma modalidade da Educação Básica nas etapas do Ensino Fundamental e Médio, que visa oferecer oportunidade de estudos às pessoas que não tiveram acesso ou continuidade desse ensino na idade própria, assim como, prepará-los para o mercado de trabalho e o pleno exercício da cidadania.

A EJA é uma modalidade de ensino caracterizada por abranger sujeitos marginais ao sistema formal de ensino, com trajetórias escolares descontínuas e atributos sempre acentuados em consequência de alguns fatores adicionais como condição socioeconômica, raça/etnia, cor, idade, gênero, entre outros.

Reúne em seu contexto representantes das múltiplas apartações que a sociedade brasileira, excludente, promoveu ao longo de sua história, formada por grande parte da população desfavorecida econômica, social e culturalmente que não teve a escola como espaço de atuação, muito mais o mundo do trabalho, voltado para a subsistência (BRASIL, 2007).

Essas marcas históricas revelam facetas da complexidade humana denominadas por Arroyo (2007) de “trajetórias e identidades coletivas”, que nos apontam histórias de vida similares, histórias de uma coletividade, protagonizadas por sujeitos concretos, que se multiplicam e se entrecruzam em seus enredos, roteiros e papéis sociais, uma vez que “desde que a EJA é EJA esses jovens e adultos são os mesmos: pobres, desempregados, na economia informal, negros, nos limites da sobrevivência. São jovens e adultos populares.” (ARROYO, 2007, p. 29).

Para Arroyo (2007, p.19) a EJA é um campo ainda não consolidado nas áreas de pesquisa, de políticas públicas e diretrizes educacionais, da formação de educadores e intervenção pedagógica. Diante de todos esses aspectos que precisam ser mais bem conhecidos, é necessário por parte dos professores e gestores que atuam na EJA, pensar sobre a modalidade como área em consolidação, sobretudo:

[...] assumir a EJA como um campo de conhecimento específico, o que implica investigar, entre outros aspectos, as reais necessidades de aprendizagem dos sujeitos alunos; como produzem/produziram os conhecimentos que portam, suas lógicas, estratégias e táticas de resolver situações e enfrentar desafios; como articular os conhecimentos prévios produzidos no seu estar no mundo àqueles disseminados pela cultura escolar; como interagir, como sujeitos de conhecimento, com os sujeitos professores, nessa relação de múltiplos aprendizados; de investigar, também, o papel do sujeito professor de EJA, suas práticas pedagógicas, seus modos próprios de reinventar a didática cotidiana, desafiando-o a novas buscas e conquistas...(BRASIL, 2007).

A educação de jovens e adultos é uma modalidade de ensino inclusiva porque oferece as pessoas que não tiveram acesso ao ensino regular, ou dele foram excluídos, a oportunidade de terminarem sua escolarização.

A Educação de Jovens e Adultos vem contribuir para a igualdade social numa sociedade onde o código escrito ocupa lugar privilegiado, onde a leitura e a escrita são bens relevantes e o não acesso a eles, [...] impede o atingimento da cidadania plena; vem reparar o direito a escola de qualidade e o reconhecimento da igualdade do ser humano na sociedade (SCHEIBEL e LEHENBAUER, 2006, p. 69).

A EJA tem um papel fundamental que visa restaurar o direito ao saber aqueles que uma vez foram destituídos do mesmo, segundo o autor a EJA tem a função que restaura o direito da educação aos desfavorecidos a uma sociedade mais justa e menos desigual na questão da escolarização.

1.2 Formação Inicial de Professores na EJA

A educação se constitui como um processo de formação intrínseco ao ser humano é a condição da perpetuação da sua espécie. Ao nascer o ser humano se insere num processo educacional e dele fará uso até o fim de sua vida. As primeiras aprendizagens se dão no seio da família, ou mesmo nos grupos privados entre os sujeitos. Segundo Carlos Brandão apud Libâneo:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja, ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações. (...) (*sic*) Não há uma forma única nem um único lugar em que ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a única prática, e o professor profissional não é seu único praticante. (1998, p. 20).

De acordo com o Parecer 11/2000 (BRASIL, 2010a) do Conselho Nacional de Educação a formação de um docente voltado para a EJA deve incluir, além das exigências formativas para todo e qualquer professor, aquelas relativas à complexidade diferencial desta modalidade de ensino. Assim, esse profissional do magistério deve estar preparado para interagir empaticamente com esta parcela de estudantes e de estabelecer o exercício do diálogo. Ele não pode ser um professor motivado apenas pela boa vontade ou por um voluntariado idealista e sim um docente que se nutra do geral e também das especificidades que a habilitação como formação sistemática requer.

Para Arroyo (2006), o primeiro ponto a ser destacado acerca da formação de professores de jovens e adultos é que não há parâmetros sobre o perfil desse professor. A causa disso, segundo ele, é que também não temos uma definição muito clara da própria EJA. Ele ressalta também a marginalidade com que a educação de adultos se constituiu durante muito tempo pela falta de políticas públicas oficiais de EJA, pela falta de centros de EJA e de formação específica para o professor. “Costumo dizer que a formação do educador e da educadora de jovens e adultos sempre foi um pouco pelas bordas, nas próprias fronteiras onde estava acontecendo a EJA” (ARROYO, 2006, p. 17). Ele ainda diz que:

Esse caráter universalista, generalista dos modelos de formação de educadores e esse caráter histórico desfigurado dessa EJA explica por que não temos uma tradição de um perfil de educador de jovens e adultos e de sua formação. Isso implica sérias consequências. O perfil do educador de jovens e adultos e sua formação encontra-se ainda em construção. Temos assim um desafio, vamos ter que inventar esse perfil e construir sua formação. Caso contrário, teremos que ir recolhendo pedras que já existem ao longo de anos de EJA e irmos construindo esse perfil da EJA e, conseqüentemente, teremos que construir o perfil dos educadores de jovens e adultos e de sua formação (ARROYO, 2006, p. 18).

A má formação nos cursos de professores também é ocasionada pela falta de tempo que os docentes universitários encontram para formar os professores. Muitas vezes o ensinar na universidade, o formar professores fica em segundo plano, quando os docentes optam para investir mais em pesquisas, em estudos que os revelem como cientistas, para assim contrair status de especialistas.

Candau (1998), ao realizar uma pesquisa para verificar em que ocupação os docentes universitários consomem mais tempo na universidade, descobre que esses docentes estão mais preocupados com própria produção acadêmica do que formar professor. Desta forma a autora escreve:

Nas experiências estudadas, esta problemática, de uma forma mais explícita ou mais revelada, aflorou. A dedicação ao ensino e à formação de professores, nitidamente articuladas, supõe aceitar, em princípio, perda de prestígio acadêmico. Esta situação somente se logra modificar quando, além do envolvimento com a pesquisa em ensino, os professores se dedicam à pesquisa considerada „pura“ ou a „base“ na respectiva área, isto é, à atividade que confere status acadêmico. Portanto, a dedicação ao ensino e à formação de professores, é mais uma vez, considerada atividade secundária da vida universitária. (CANDAU, 1998, 37-8).

É preciso que essa educação se efetive levando em conta os sujeitos desta modalidade de ensino, no entendimento de que os discentes dessa modalidade são constituídos por um grupo específico que carecem de uma prática docente diferenciada. É mister afirmar que a prática docente precisa levar em conta as especificidades do aluno jovem e adulto. Desta forma, o professor da EJA deve ter consciência da necessidade de uma metodologia exclusiva voltada para essa modalidade de ensino. Sobre o papel do professor, Lopez e Sousa expõem:

Sabe-se que educar é muito mais que reunir pessoas numa sala de aula e transmitir-lhes um conteúdo pronto. É papel do professor, especialmente do

professor que atua na EJA, compreender melhor o aluno e sua realidade diária. Enfim, é acreditar nas possibilidades do ser humano, buscando seu crescimento pessoal e profissional (LOPES e SOUSA, 2005, p. 2).

O professor da EJA deve compreender que, mesmo não dominando os saberes escolares, os alunos têm conhecimento de mundo e estão inseridos em contextos sociais distintos. Esses alunos são formados por trabalhadores, donas de casa, desempregados, jovens, terceira idade etc. Com um público tão diferenciado o docente precisa levar em conta o contexto cultural de seus alunos, respeitar os saberes dos mesmos, e ter consciência de que precisa de uma metodologia específica para trabalhar na EJA. Por isto, se faz necessário uma formação diferenciada para os professores que irão lecionar na EJA.

Arbache, 2001 afirma que:

A educação de jovens e adultos requer do educador conhecimentos específicos no que diz respeito ao conteúdo, metodologia, avaliação, atendimento, entre outros, para trabalhar com essa clientela heterogênea e tão diversificada culturalmente.

O professor da EJA deve compreender a necessidade de respeitar a pluralidade cultural, as identidades, as questões que envolvem classe, raça, saber e linguagem dos seus alunos, caso contrário, o ensino ficará limitado à imposição de um padrão, um modelo pronto e acabado em que se objetiva apenas ensinar a ler e escrever, de forma mecânica. Enfim, o que se pretende com a educação de jovens e adultos é dar oportunidade igual a todos.

É necessário superar a idéia de que a EJA se esgota na alfabetização, desligada da escolarização básica de qualidade. É também necessário superar a descontinuidade das ações institucionais e o surgimento de medidas isoladas e pontuais, fragmentando e impedindo a compreensão da problemática. É preciso desafiar o encaminhamento de possíveis resoluções que levem à simplificação do fenômeno do analfabetismo e do processo de alfabetização, reduzindo o problema a uma mera exposição de números e indicadores descritivos. Visualizar a educação de jovens e adultos levando em conta a especificidade e a diversidade cultural dos sujeitos que a ela recorrem torna-se, pois, um caminho renovado e transformador nessa área educacional (Arbache, 2001, p. 22).

Quanto ao aspecto específico da formação docente para EJA, a LDB afirma, em seu Art. 61, a necessidade de “formação de profissionais da educação de modo a atender aos objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino e as características de cada fase do desenvolvimento do educando” (BRASIL, 1996).

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação de Jovens e Adultos, “as licenciaturas e outras habilitações ligadas aos profissionais do ensino não podem deixar de considerar, em seus cursos, a realidade da EJA” (BRASIL, 2000).

Ao problematizarmos como aparece nos cursos de licenciatura a questão da formação de professores para atuar na EJA, constata-se que, por um lado, ainda que as DCNs dos cursos específicos não façam menção direta à EJA, todas destacam que se deve considerar as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de professores em nível superior. Esse documento, por sua vez, aponta para a necessidade de um olhar e uma atuação diferenciadas reconhecendo a modalidade. Por outro lado, considerando que as diretrizes das áreas de conhecimento específicos apresentam uma feição enciclopédica e não trazem uma discussão mais aprofundada de seu escopo na educação básica, uma vez que a atividade docente ocupa um lugar secundário nos cursos (GATTI; BARRETO, 2009), as diretrizes para formação de professores termina por ser praticamente o único documento que postula as diretrizes educacionais para os que atuarão em diferentes níveis e modalidades da educação básica. O que reafirma aquilo que já está colocado em vários estudos tanto em relação às licenciaturas quanto em relação à EJA: que as licenciaturas consideram a formação de professores uma atividade de menor importância e que poucos cursos propõem disciplinas específicas sobre EJA nos currículos das licenciaturas.

A relevância deste estudo está no fato de que a reflexão sobre a formação do professor de Ciências/Biologia no contexto da Educação de Jovens e Adultos tem sido pouco tematizada. Várias experiências surgem a partir da perspectiva do docente enquanto estagiário Assim sendo, como o docente poderá atuar nesta modalidade de ensino tão peculiar sem conhecer suas especificidades, suas demandas e campo pedagógico? A hipótese é a de que o professor de EJA necessita de uma formação específica que contemple estudos sobre as

características da aprendizagem de jovens e adultos para que haja inovação prática e teórica nos diferentes níveis de ensino.

Como benefícios, essa pesquisa vai contribuir com o debate sobre a formação de professores de biologia para a Educação de Jovens e Adultos, particularmente em relação a sua preparação para ensinar nesse tipo de educação que vem a ser um tipo de educação diferenciada das demais.

.2. PROBLEMA DE PESQUISA

- Que aspectos positivos e problemáticas do Ensino de Jovens e Adultos emergem das experiências de estágio docente entre licenciandos em biologia, de uma universidade pública federal?

3. OBJETIVO GERAL

- Analisar o ensino de EJA apartir das memórias de licenciandos de ciências biológicas.

3.1 OBJETIVOS ESPECIFICOS

- Explicitar principais aspectos positivos do Ensino de Jovens e Adultos percebidos por licenciandos de Biologia em experiências de estágio docente;
- Relacionar problemas e desafios do Ensino de Jovens e Adultos na opinião desses licenciandos.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 Breve Histórico aos dias de hoje

A educação sistemática em nosso país teve início com a chegada dos religiosos da Companhia de Jesus no período colonial. O objetivo principal desse empreendimento era a catequese dos habitantes da terra: os índios. Além de difundir o evangelho, os jesuítas ensinavam princípios morais, normas de comportamento e diferentes ofícios. Posteriormente, com o aumento da população portuguesa na colônia tornou-se necessária a instauração de uma modalidade de ensino que atendesse aos nobres. O modelo de educação européia foi adotado com a finalidade de oferecer à classe dominante uma formação humanística (SALGADO & BARBOSA, 2007).

Por volta do século XVI, os pensadores humanistas europeus acreditavam que a educação poderia transformar o homem e permitir a ele o controle do próprio destino. Neste período, apenas os nobres poderiam iniciar seus filhos na cultura letrada, pois o estudo custava caro e os filhos eram confiados aos padres. O controle da igreja sobre a produção cultural era rigoroso e o acesso às obras produzidas era restrito. Além disso, muitas obras eram proibidas e ficavam inacessíveis. Dessa forma, os interesses que envolviam o acesso ao conhecimento e à educação determinavam o que podia ou não ser aprendido ou conhecido (SALGADO & BARBOSA, 2007).

Esse panorama permaneceu até o final do século XVIII. Com a propagação dos ideais iluministas e com o desencadeamento da Revolução Francesa vieram também os ideais de uma república democrática, onde a escolarização passa a ser a via de acesso à cultura. Sob o controle do estado, a escola passa a ser universal e gratuita. A escola para todos, um dos ideais da Revolução, surge como um conceito legítimo e aceitável, mas não realizável.

Sobre este período, Barbosa (2006 p. 15) afirma:

Sonhada no século XVIII, a generalização da alfabetização abre uma nova era na história da humanidade. As sociedades ocidentais iniciam, então, um

período caracterizado pela revolução permanente que ressoa no plano político, econômico, social e cultural. Época marcada pela emergência das nações democráticas; pelo avanço da industrialização; pelo crescimento das cidades e erupção do individualismo; pela supremacia da cultura visual, e, no centro desse labirinto, a origem da concepção de alfabetização que herdamos.

A relação entre saber e poder se mantém clara e explícita nesse momento. Quem possuía acesso à cultura letrada, possuía também mais condições de exercer o poder e a dominação sobre aqueles que pouco ou nada sabiam.

No Brasil a expulsão dos jesuítas em 1759 fez com que a educação na colônia mudasse. O objetivo da Reforma Pombalina era incluir o conhecimento científico numa modalidade de ensino liberal voltado para a aristocracia rural e a burguesia emergente. Afinal, o futuro da nação seria decidido pelas classes dominantes que necessitavam ser bem formadas. A educação de adultos das classes populares inexistia neste período (SALGADO & BARBOSA, 2007).

No modelo de escola desse período, a aprendizagem da leitura e da escrita ainda não era compreendida como um processo simultâneo. Acredita-se que era necessário primeiro aprender a ler para depois escrever. Somente no século XIX é que leitura e escrita começaram a ser compreendidas como coisas distintas, porém relacionadas.

Os contextos político e econômico do século XIX apresentavam o cenário de uma indústria crescente. A consolidação da sociedade industrial capitalista e o crescimento urbano nos grandes centros revelavam a necessidade de garantir a estabilidade social através de uma instituição que, ao mesmo tempo, veiculasse os valores dominantes e dotasse o cidadão dos rudimentos da leitura e da escrita, adequados à situação emergente. A alfabetização tornou-se pilar fundamental da escolarização básica, ou seja, a leitura e a escrita passaram a ocupar o lugar central da atividade escolar (AYRES, 2003).

Mesmo após a independência do Brasil o ensino das camadas populares da sociedade esteve restrito à educação primária que objetivava a leitura, a escrita e os cálculos. Apenas nas primeiras décadas do século XX é que há uma grande mobilização em torno do significado da educação de massa. Ayres (2003) esclarece

que neste período os movimentos em prol da educação popular deram à Educação de Jovens e adultos um avanço conceitual. O Governo aumenta suas responsabilidades educacionais com a população, pois politicamente necessitava diminuir as pressões sociais e economicamente necessitava incorporar esse contingente humano ao sistema produtivo do país.

No início do século XX o movimento da Escola Nova, defende a alfabetização como direito de todos e desloca a discussão do plano metodológico para o plano político. Com o advento do Estado Novo, a pedagogia da Escola Nova sofre um profundo esvaziamento de seu conteúdo político, priorizando conteúdos teórico-metodológicos. Assim, incorpora-se a participação ativa do aluno ao processo de aprendizagem, um discurso de base psicológica que, fundado em conceitos de maturidade e prontidão, se constitui em parâmetro para a organização do ensino, desde a composição homogênea das turmas até estruturação curricular do conhecimento.

Os anos 60 foram especialmente férteis para a luta da erradicação do analfabetismo, afinal a sociedade civil estava mobilizada em campanhas de educação popular. As notícias do êxito das experiências educacionais de Paulo Freire percorrem todo o país e tornam-se um poderoso recurso de instrumentalização para o exercício da cidadania (AYRES, 2003).

Com golpe de Estado de 1964 a educação popular sofre uma violenta intervenção e seus idealizadores são perseguidos. A pressão internacional por investimentos em Educação de Jovens e Adultos faz com que o governo militar crie o MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização). Os resultados desastrosos dessa política de alfabetização de adultos fazem com que o Mobreal seja extinto em 1985. (AYRES, 2003).

O enfraquecimento do governo militar e a troca de experiências e estudos teóricos sobre alfabetização fizeram com que o movimento popular pela educação reiniciasse a cobrança pela intervenção do poder público sobre os altos índices de analfabetismo de jovens e adultos no Brasil.

A redemocratização do Brasil em 1990 fertilizou o campo das idéias sobre a EJA. Em 1999 a Conferência Mundial de Educação para Todos realizada na

Tailândia e promovida pela Unesco evidenciou os alarmantes índices de exclusão educacional de grande parte da população do planeta. Dentre os países participantes o Brasil assumiu o compromisso com a Educação Básica. Em 2000 a Conferência Mundial de Educação para Todos reafirmou os compromissos assumidos na Tailândia e a partir de então, o Brasil continua a perseguir seu objetivo de reverter o quadro de analfabetismo do país e ampliar o acesso à educação, além de expandir e melhorar o cuidado com a educação infantil (AYRES, 2003).

Com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96, é criada a modalidade de educação para atender jovens e adultos. Desta forma o Art. 37 da referida Lei afirma que: “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”. Destarte, essa educação é caracterizada como uma modalidade de ensino voltada para um público específico que, por múltiplos motivos, não teve acesso à escola na idade adequada, como também para os que tiveram, mas que por ensejos diversos não puderam dar andamento aos estudos. Mas, Ribeiro assevera que:

[...] EJA se constitui muito mais como produto da miséria social do que do desenvolvimento da Nação. São conseqüências (*sic*) dos males do sistema público regular de ensino e das precárias condições de vida da maioria da população, que acabam por condicionar o aproveitamento da escolaridade na época apropriada. Uma massa considerável de excluídos do sistema formal de ensino, por se encontrar em condições de vida precárias ou por ter tido acesso a uma escola de má qualidade ou, então, por não ter tido acesso a escola, se defronta com a necessidade de realizar sua escolaridade, já adolescentes ou adultos, para sobreviver em uma sociedade onde o domínio do conhecimento ganha cada vez mais importância. (2010, p. 2).

A educação de jovens e adultos (EJA) é uma modalidade de ensino complexa porque envolve dimensões que transcendem a questão educacional. Até uns anos atrás essa educação resumia-se à alfabetização como processo compreendido em aprender a ler e escrever (STRELHOW, 2010).

Os professores percebem que cabe a eles um papel fundamental nessa redefinição identitária dos educandos da EJA. Tentam reverter um processo quase contínuo de exclusão escolar dos sujeitos da EJA, onde a razão da interrupção da escolaridade é atribuída a um fracasso pessoal (FONSECA, 2002).

4.2 EJA E SUAS FUNÇÕES

Para aqueles impedidos de realizar seus estudos no período previsto pelo sistema educacional, existe a possibilidade de matrícula nos programas de Educação de Jovens e Adultos, conhecido como EJA. Esta modalidade integra a educação básica destinada ao atendimento de alunos que não tiveram, na idade apropriada, oportunidade de acesso ou mesmo de continuidade nos estudos, no ensino fundamental e/ou médio. Tratada como um instrumento capaz de auxiliar na tarefa vital de eliminação das 'discriminações e na busca de uma sociedade mais justa', simboliza uma possibilidade real de reparação das dívidas sociais, estendendo a todos os interessados o acesso e o domínio da escrita e da leitura como bens sociais, dentro ou fora das instituições de ensino. Fundamentada pela Lei 9.394, de 20/12/1996 – LDB e Parecer CNE/CEB nº. 11/2000, responde por três funções básicas:

- Função reparadora – restaura o direito a uma escola de qualidade e o reconhecimento de igualdade de todo e qualquer ser humano, em que a cidadania estará assegurada por meio da assimilação de competências necessárias para sua inserção no chamado novo mundo do trabalho;
- Função equalizadora - deve ampliar e diversificar as oportunidades a todos aqueles desfavorecidos que buscam o acesso às escolas e ao ensino, em diferentes níveis e períodos. Isto para que se restabeleça a trajetória escolar desse cidadão;
- Função permanente de qualificação - entende-se que em suas diferentes fases de existência e diante das exigências de sua formação pessoal e de sua formação profissional, instrumentos constantes de qualificação devem estar ao dispor de todos.

O Parecer 11/2000 do Conselho Nacional de Educação atribui à Educação de Jovens e Adultos três funções: função reparadora, equalizadora e qualificadora.

A função reparadora relaciona-se à restauração do direito ao acesso a uma escola de qualidade e à condição de igualdade inerente a todo ser humano de ter acesso a um bem socialmente importante como é a educação. Para que a função reparadora ocorra é necessário que a escola e seu projeto pedagógico ofereçam situações de aprendizagem satisfatórias e específicas para alunos jovens e adultos.

A função equalizadora refere-se à igualdade de oportunidades, ou seja, uma possibilidade de inserção no mundo do trabalho, na vida social e política. A EJA deve ser uma oportunidade de atualizar conhecimentos, desenvolver habilidades, compartilhar experiências e acessar novas formas de cultura e trabalho.

Conforme Leôncio Soares (2006) a função equalizadora parte da premissa de que muitos jovens e adultos, por vários motivos, não tiveram acesso à escolarização básica e isso não foi porque não quiseram, mas porque suas condições sociais não permitiram. A partir da função reparadora da EJA, se pode começar a vislumbrar vestígios de igualdade de oportunidades.

Segundo Leôncio Soares (2006 p. 8):

A função equalizadora da EJA vai dar cobertura a trabalhadores e a tantos outros segmentos sociais como: donas de casa, migrantes, aposentados e encarcerados. A reentrada no sistema educacional dos que tiveram uma interrupção forçada seja pela repetência ou pela evasão, seja pelas desiguais oportunidades de permanência ou outras condições adversas, deve ser saudada como uma reparação corretiva, ainda que tardia, de estruturas arcaicas, possibilitando aos indivíduos novas inserções no mundo do trabalho, na vida social, nos espaços da estética e na abertura dos canais de participação.

Por fim, a função qualificadora relaciona-se ao caráter permanente da educação, sendo um aspecto da EJA que visa proporcionar a todos a atualização de conhecimentos para toda a vida. Esta função quando despertada pode ser o caminho para inúmeras descobertas no que diz respeito ao potencial dos jovens e adultos, na medida em que se acredita ser possível em todas as épocas e/ou idades construir conhecimentos e aprimorar habilidades.

Sobre a função qualificadora Soares (2006 p. 89) afirma que:

Uma educação permanente, realmente dirigida às necessidades das sociedades modernas não pode continuar a definir-se em relação a um período particular da vida – educação de adultos por oposição à dos jovens, por exemplo – ou a uma finalidade demasiado circunscrita – as formações profissionais, distintas da formação geral.

Doravante, temos de aprender durante toda a vida e uns saberes penetram e enriquecem os outros.

4.3 Perfil dos Alunos

Dentro do que hoje conhecemos como educação de jovens e adultos percebemos uma realidade muito diferente de tudo que já vimos no que diz respeito a vivencia em sala de aula, a começar pelo publico alvo bem diferenciado com jovens que não conseguiram concluir seus estudos na faixa etária correta no até idosos vendo no EJA uma nova oportunidade para ingressar nos estudos

Essas situações fazem com que as pessoas mais pobres enfrentem mais dificuldades no acesso à escola e também em permanecer nela, constituindo e ampliando cada vez mais o número de homens e mulheres que adentram a modalidade EJA em todo o país (HAGGE, 2001).

Conforme coloca Ferrari (2011, p1)

A maior demanda de jovens pelos cursos de EJA trás, como consequência, a dificuldade de o professor atender num mesmo espaço e tempo diferentes níveis de conhecimento e ritmos de aprendizagens. Em geral, as falas dos professores apontam para aceitação do aluno adulto, reconhecendo e valorizando o esforço diário para permanecer no curso, o esforço para aprender, para responder às tarefas e a manutenção da relação hierárquica professor x aluno, no respeito com que o adulto trata o mestre.

Usualmente os alunos do EJA são vistos como uma massa de alunos sem identidade, qualificados sob denominações diferenciadas que se relacionam com o “fracasso escolar” (ANJOS, 2011; ANDRADE, 2011). Arroyo (2001), citado por 16 ANJOS (2011), chama a atenção para o discurso escolar que os trata como repetentes, evadidos, defasados, aceleráveis, deixando de fora dimensões da condição humana desses sujeitos.

É característica dessa modalidade de ensino a “diversidade do perfil dos educandos, com relação à idade, ao nível de escolarização em que se encontra, à situação socioeconômica e cultural, às ocupações e à motivação pela qual procuram a escola” (CEEBJA, 2006b, p. 4 apud BERNARDIM, 2006, p. 99).

Uma das principais características do aluno EJA é sua baixa auto-estima, reforçada pelas situações de fracasso escolar, ou seja, a sua eventual passagem pela escola muitas vezes marcada pela exclusão e/ou pelo insucesso escolar. Já que seu desempenho pedagógico anterior foi comprometido, esse aluno volta à sala de aula revelando uma auto-imagem fragilizada, expressando sentimentos de insegurança e de desvalorização pessoal frente aos novos desafios que se impõem (BRASIL, 2006, p. 19).

Para Arroyo (2001 p.10) citado por Andrade (2011):

Ao se analisar a Educação de Jovens e Adultos em um sentido amplo, tomando-se como referência a pluralidade dos sujeitos que dela fazem parte, constata-se que, longe de estar servindo à democratização das oportunidades educacionais, ela se conforma no lugar dos que podem menos e também obtêm menos.

De acordo com Andrade (2011) quando se analisa a Educação de Jovens e Adultos obtêm-se como referência a pluralidade do sujeito que fazem parte dela, e que estes “podem menos e também obtêm menos”.

A análise da realidade da Educação de Jovens e Adultos no país para ser consistente, precisa ser realizada de forma relacional, ou seja, implica em partir da compreensão de que, se hoje existem mais de 35 milhões de pessoas com mais de 14 anos que não concluíram o ensino fundamental (RIBEIRO et al, 2001, p. 95).

Ao fazermos referência à educação de jovens e adultos trabalhadores e a uma educação da classe trabalhadora, nos referimos à expressiva parcela da população que, mesmo possuindo as mais diversas e diferentes experiências de vida (mulheres, negros, homossexuais, jovens etc.), têm a existência marcada por situações adversas, por vezes aviltantes, de produção da própria sobrevivência, sujeitando-se à venda (ou pior, à agonia da procura por um trabalho), em condições cada vez mais precárias (dissimuladas ou não), de venda da sua força de trabalho. Portanto, para além das diversidades e diferenças de toda espécie, existe uma realidade dinâmica e contraditória que perpassa dialeticamente esses grupos sociais e tem a potencialidade de uni-los: a condição de ter que produzir a sua própria existência, ou seja, viver do seu próprio trabalho (ANTUNES, 1995)

4.4 Indicadores de Problemas

A capacitação do profissional da educação que vai atuar na EJA é um dos desafios mais evidentes dentro do contexto de melhora na qualidade do ensino de

Jovem e adultos, pelo fato dessa qualificação ainda ser muito pouco abordada nos cursos de graduação em geral e também por muitos do profissional que já atuam na área se recusarem a passar por cursos que os capacitem a conhecer melhores estratégias de abordagem para o ensino de EJA.

É preciso que a sociedade compreenda que alunos de EJA vivenciam problemas como preconceito, vergonha, discriminação, críticas dentre tantos outros. E que tais questões são vivenciadas tanto no cotidiano familiar como na vida em comunidade (LOPES, 2005).

Um dos grandes problemas na formação docente é a auto-suficiência. Julgar que sabem tudo é o grande erro dos docentes, pois a condição para o constante aperfeiçoamento do educador não é somente a sensibilidade aos estímulos intelectuais, mas é fundamentalmente a consciência de sua natureza inconclusa como sabedor. Não são os negligentes e sim os auto-suficientes que estacionam no caminho de sua formação profissional. Julgar sabedor de tudo e considerar que seu papel na educação nada mais exige deles, é uma noção que paralisa a consciência do educador e o torna incapaz de progredir (LOPES, 2005).

Arroyo (2006, p. 25) afirma que: O foco para se definir uma política para a educação de jovens e adultos e para a formação do educador da EJA deveria ser uma proposta de formação que colocasse a ênfase para que os profissionais conhecessem bem quem são esses jovens e adultos, como se constroem como jovem e adulto e qual a história da construção desses jovens e adultos populares

Lopez e Sousa expõem: É papel do professor, especialmente do professor que atua na EJA, compreender melhor o aluno e sua realidade diária. Enfim, é acreditar nas possibilidades do ser humano, buscando seu crescimento pessoal e profissional. (2010, p. 2).

4.5 A importância do Estágio na EJA

O Estágio supervisionado é uma exigência da LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96 nos cursos de formação de docentes. Segundo Oliveira e Cunha (2006), o Estágio Supervisionado é uma atividade que propicia ao aluno adquirir a experiência profissional que é relativamente importante para a sua inserção no mercado de trabalho. É uma atividade obrigatória que deve ser realizada pelos alunos de cursos de Licenciatura e deve cumprir uma carga horária pré-estabelecida pela instituição de Ensino.

De acordo com Tardif (2002), o estágio supervisionado constitui uma das etapas mais importantes na vida acadêmica dos alunos de licenciatura e, cumprindo as exigências da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), a partir do ano de 2006 se constitui numa proposta de estágio supervisionado com o objetivo de oportunizar ao aluno a observação, a pesquisa, o planejamento, a execução e a avaliação de diferentes atividades pedagógicas; uma aproximação da teoria acadêmica com a prática em sala de aula.

De acordo com Carvalho et al (2003), no projeto pedagógico de um curso de licenciatura, a prática como componente curricular e os estágios supervisionados devem ser vistos como momentos singulares de formação para o exercício de um futuro professor, o estágio ainda com mais ênfase, pois é no estágio que o acadêmico tem um momento único para ampliar sua compreensão da realidade educacional e do ensino tendo uma relação direta com os alunos e com a escola.

Assim, os estágios são importantes porque objetiva a efetivação da aprendizagem como processo pedagógico de construção de conhecimentos, desenvolvimento de competências e habilidades através da supervisão de professores atuantes, sendo a relação direta da teoria com a prática cotidiana. Pois unir teoria e prática é um grande desafio com o qual o educando de um curso de licenciatura tem de lidar. E, se esse problema não for resolvido ou pelo menos suavizado durante a vida acadêmica do estudante, essa dificuldade se refletirá no seu trabalho como professor. Não é apenas frequentando um curso de graduação que uma pessoa se torna profissional. É, principalmente, envolvendo-se

intensamente como construtor de uma práxis que o profissional se forma (FÁVERO, 1992).

O estágio supervisionado torna-se imprescindível no processo de formação docente, pois oferece condições aos futuros educadores, em específico aos estudantes da graduação, uma relação próxima com o ambiente que envolve o cotidiano de um professor e, a partir desta experiência os acadêmicos começarão a se compreenderem como futuros professores, pela primeira vez encarando o desafio de conviver, falar e ouvir, com linguagens e saberes distintos do seu meio, mais acessível à criança. (PIMENTA, 1997).

A experiência do estágio é essencial para a formação integral do aluno, considerando que cada vez mais são requisitados profissionais com habilidades e bem preparados. Ao chegar à universidade o aluno se depara com o conhecimento teórico, porém muitas vezes, é difícil relacionar teoria e prática se o estudante não vivenciar momentos reais em que será preciso analisar o cotidiano (MAFUANI, 2011).

Esta prática é o primeiro contato que o futuro professor terá com seu futuro campo de atuação. Por meio da observação, da participação e da regência, o licenciando poderá construir futuras ações pedagógicas (PASSERINI, 2007). Durante o estágio, o futuro professor passa a enxergar a educação com outro olhar, procurando entender a realidade da escola e o comportamento dos alunos, dos professores e dos profissionais que a compõem (JANUARIO, 2008).

5. METODOLOGIA

Neste estudo optamos pela modalidade de pesquisa qualitativa como procedimento metodológico, tendo em vista que essa abordagem se aplica satisfatoriamente aos objetivos desta pesquisa, pois envolve percepções de estagiários de licenciatura em ciências biológicas, em turmas de EJA, explicitando experiências de estágio em docência vivenciadas nessa modalidade de ensino.

Minayo (1994, 2000) diz que a pesquisa qualitativa responde a questões particulares, enfoca um nível de realidade que não pode ser quantificado e trabalha com um universo de múltiplos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes.

Numa abordagem qualitativa, o pesquisador coloca interrogações que vão sendo discutidas durante o próprio curso da investigação. Ele formula e reformula hipóteses, tentando compreender as mediações e correlações entre os múltiplos objeto de reflexão e análise.

O **contexto** desta pesquisa consiste na formação inicial de professores em Ciências Biológicas e seu **lócus** de investigação situa-se em turmas concluintes do ano de 2010 do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Pará. Os estudantes foram selecionados em função da demanda de alunos que optaram por estagiar nessa modalidade de educação de jovens e adultos, totalizando 2 (duas) licenciandas.

Em respeito ao seu direito de manter seus nomes verdadeiros em sigilo, optei por atribuir um pseudônimo a cada sujeito da pesquisa, quais sejam: Ana e Beatriz.

Segue uma breve descrição autobiográfica desses sujeitos:

Ana: Tem 35 anos. É graduada em ciências biológicas e, atualmente, se prepara para submeter-se à seleção de mestrado em bioquímica. Ana considera-se uma pessoa muito dedicada e atenciosa aos seus estudos, se percebe como “A menina do laboratório”, pois nunca considerou a possibilidade de somente se focar na carreira docente, mas, com o passar do tempo essa idéia foi mudando e hoje já pensa em ministrar aula. Contudo, ainda não se sente plenamente capaz de

executar com excelência essa tarefa, mas está em busca disso nesse momento da graduação.

Beatriz: — Tem 24 anos. Suas ocupações são: docência e seu filho de 4 anos. Tendo concluído a graduação, pretende continuar estudando mais profundamente a área da microbiologia, na qual teve uma bolsa e estudo para fazer iniciação científica. O gostar da ciência ‘biologia’ é um dos fatores que mais a atrai. Ela se encantou com a biologia pelo fato de vê-la rotineiramente em seu cotidiano. Detentora da fé no catolicismo se vê como alguém muito “Família” e gosta dos seus familiares, pretende dedicar também seu tempo a seu tempo a seu filho que também é um bom freqüentador da faculdade de biologia, e já é conhecido dos amigos de sua mãe. Beatriz se considera uma mulher muito decidida que sabe o que quer da vida, assim a própria se definiu.

O instrumento adotado para a construção de material empírico da pesquisa foi a entrevista semi-estruturada realizada individualmente com os dois sujeitos, as quais foram registradas em equipamento de áudio com duração média de 30 minutos. Após a transcrição dos dados foi realizada a organização dos dados em função das ênfases temáticas que emergiram nos depoimentos.

Desse procedimento emergiram as seguintes categorias analíticas:

- Categoria 1: Aspectos Positivos do EJA

Esta primeira categoria reúne as memórias das experiências positivas dos alunos sobre as suas vivências nos estagiários em salas de aulas de turmas de educação de jovens e Adultos durante o curso de licenciatura em biologia na ufpa. Além de reunir suas impressões em relação ao estágio na EJA, falam também da sua preparação para atuar na EJA durante a graduação.

- Categoria 2: Aspectos Negativos e Problemáticas do EJA

Esta segunda categoria trata das impressões dos alunos sobre as problemáticas vivenciadas nas práticas do estágio em EJA e também das lacunas deixadas na sua formação como educadores durante o tempo da sua graduação no curso de licenciatura em biologia na ufpa.

6. ANÁLISE DO MATERIAL EMPÍRICO

ANÁLISE

- CATEGORIA 1 – Aspectos Positivos do EJA

Nesta categoria serão discutidas questões relativas aos principais aspectos positivos e experiências positivas dos sujeitos em relação a suas experiências de estágios na educação de jovens e Adultos. Tais aspectos e experiências são reiterados em meio às memórias formativas mobilizadas pelos sujeitos no processo de reflexão sobre sua construção como profissionais do ensino em licenciatura em Ciências Biológicas.

Uma questão recorrente nos depoimentos refere-se à questão da importância da motivação que o professor passa ao aluno da EJA no momento de suas aulas, tal como se pode observar na manifestação a seguir:

Acredito que o desafio maior é trazer aos alunos uma motivação, a consciência, falar de motivação é uma coisa, mas o desafio maior nosso é fazer o aluno se interessar em querer aprender (Ana 2014).

A manifestação de Ana é representativa de uma tendência analítica que refere-se à necessidade do professor ser um ser atuante na conscientização e incentivo ao aluno no processo de aprendizado, a falta de incentivo dos professores nas aulas de EJA e a necessidade dos professores de terem uma boa dinâmica em sala de aula, dificulta muito no processo de aprendizagem do aluno.

Em relação à importância da didática e do papel do professor no processo de aprendizagem do aluno da EJA BRASIL, 2007 assumi a EJA como um campo de conhecimento específico, o que implica investigar, entre outros aspectos, as reais necessidades de aprendizagem dos sujeitos alunos; como produzem/produziram os conhecimentos que portam, suas lógicas, estratégias e táticas de resolver situações e enfrentar desafios; como articular os conhecimentos prévios produzidos no seu estar no mundo àqueles disseminados pela cultura escolar; como interagir, como sujeitos de conhecimento, com os sujeitos professores, nessa relação de múltiplos aprendizados; de investigar, também, o papel do sujeito professor de EJA, suas

práticas pedagógicas, seus modos próprios de reinventar a didática cotidiana, desafiando-o a novas buscas e conquistas.

Outro aspecto que emergiu na análise das memórias de formação docente diz respeito ao interesse dos alunos nas aulas de EJA, assim como, a superação de suas dificuldades para estar presente nas aulas e suas experiências singulares de vida como pode ser percebido na manifestação dos seguintes sujeitos:

Foram poucas as pessoas que eu vi interesse, a única pessoa que por incrível que pareça mostrou interesse no estágio em uma turma de EJA que eu participei, era uma senhora de 60 anos que fazia 1ª etapa. Eu acredito que ela deva ter essa faixa etária de 60 anos, sinceramente eu fiquei até maravilhada com todo esforço e dedicação dela (Ana 2014).

Eu vi interesse nos alunos sim, ainda que o professor não fosse muito animado e dinâmico, mas alguns deles ainda se esforçavam para aprender, alguns chegavam no horário certo, existiam outros que não, mas, eu via muito aluno esforçado querendo aprender, eram interessados e eu vejo isso como um ponto muito positivo (Beatriz 2014)

Para Ana, a grande maioria dos alunos da EJA não são interessados em aprender, mas existe sim uma minoria que ainda se esforça para tentar aprender mesmo com todas as dificuldades, até mesmo a sua idade avançada como foi o caso da senhora citada no Relato.

Beatriz também nos fala que em sua experiência de estágio também Percebeu que a grande maioria dos alunos também não demonstrava muito interesse nas aulas, e de que também apesar de toda dificuldade, existe uma minoria que se esforça e procura aprender, beatriz também fala da falta de dinâmica do professor para tentar prender a atenção dos alunos.

Sobre esse esforço que o aluno da EJA tem para estar e permanecer presente em sala de aula: Soares (2005) discute a problemática do acesso e permanência que o jovem e adulto enfrentam para concluir seus estudos, evidenciando que em muitos casos o preço a ser pago, objetiva ou subjetivamente, torna-se bem alto, requerendo extremo esforço e muitas escolhas, majoritariamente pelo fato de ser um educando que trabalha. Zago (2000, p. 39) concorda dizendo

que “[...] para permanecer na escola são feitos grandes sacrifícios, pois ser estudante não é um ofício que possa ser exercido sem ônus”. E, no caso de o estudante ser um adulto, as dificuldades e sacrifícios tende a aumentar.

Ao falarmos dessas dificuldades encontradas pelos alunos para voltar a estudar nas turmas de EJA vemos o seguinte relato.

Ao conversar com um dos alunos, ele me contou a sua historia de vida, disse que era ex-viciado em drogas, já tinha experimentando todo tipo de drogas possível, e que não queria mais aquela vida, e estava buscava uma melhora na sua vida, e viu nos estudos essa oportunidade ele disse que precisava dar um orgulho para sua família (Ana 2014).

Sobre esse relato é possível compreender sob o olhar de Soares (2005) que, apesar de cada história vivida pelo jovem ou adulto ser singular e com grande riqueza de peculiaridades, resultado de sua vivência e experiências obtidas ao longo de sua vida, existem momentos em comum onde essas histórias se encontram em um ponto de similaridade, seja pelas dificuldades encontradas ao retornar à sala de aula ou pela permanência na mesma, assim como os motivos que fizeram com que a escola fosse abandonada ou nunca freqüentada.

Outra questão recorrente entre os entrevistados foi referente à EJA ser uma boa oportunidade de volta aos estudos como podemos ver a seguir através desta manifestação:

Acredito ser um ponto positivo o aluno querer voltar para sala de aula, pois muitas vezes são pessoas de idade e poxa, se elas tão ali, elas tão querendo algo, com certeza, no meu ponto de vista a EJA é uma oportunidade para a pessoa voltar para sala de aula, eu vejo isso como ponto positivo, poxa uma pessoa que parou há anos, já tem netos, e diz: “eu vou voltar”, e a EJA é uma boa oportunidade para esse retorno (Ana, 2014)

Como se percebe na descrição de Diana a EJA é importante, pois, vem a ser quem sabe, para muitos a ultima oportunidade de voltar a estudar.

A Educação de Jovens e Adultos na atualidade é uma alternativa viável para que as pessoas possam retomar seus estudos e garantir uma formação profissional e intelectual, representando um novo começo (Cury, 2008).

ANALISE

- CATEGORIA 2- Aspectos Negativos e problemáticas da EJA.

A identificação desta categoria analítica emergiu da análise das considerações dos sujeitos referentes a aspectos negativos e problemas percebidos e observados durante a atividade de estágio. Tais problemas são mobilizados em virtude da explicitação de memórias dos alunos do curso de graduação de ciências biológicas.

Um dos problemas apontados pelos alunos/estagiários entrevistados está relacionado à dificuldade de aliar a teoria com a prática advindo dos relatos das experiências de estagio dos alunos como vemos nas declarações a seguir:

Se tratando de formação acadêmica, agente não ta preparado para atuar na EJA, mesmo vendo todas aquelas teorias que eles colocam pra gente, a pratica é bem diferente, eu particularmente senti muita dificuldade em aliar o teoria com a pratica, as disciplinas pedagógicas foram muito deficientes (Ana 2014).

Eu não fui preparada para lidar com a realidade do EJA, acho que vai alem daquilo que agente aprende na graduação, chega lá você percebi tudo diferentes, eles falam coisas que te impressionam, totalmente diferente (Beatriz 2014).

Na visão de Ana e Beatriz a graduação não foi capaz de prepará-las para a realidade encontrada nas turmas de EJA, mesmo com todo conteúdo visto nas disciplinas pedagógicas durante a graduação, elas se declaram ainda despreparadas para atuar como docentes nessas turmas.

Sobre esse preparo dentro da graduação (Brasil 2000) assevera que: O preparo de um docente voltado para a EJA deve incluir, além das exigências formativas para todo e qualquer professor, aquelas relativas à complexidade diferencial desta modalidade de ensino. Assim esse profissional do magistério deve estar preparado para interagir empaticamente com esta parcela de estudantes e de estabelecer o exercício do diálogo. Jamais um professor aligeirado ou motivado apenas pela boa vontade ou por um voluntariado idealista e sim um docente que se nutra do geral e também das especificidades que a habilitação como formação sistemática requer.

Outro ponto discutido entre os aspectos negativos e problemáticas relacionadas às experiências de estágio na educação de jovens e Adultos é a falta de didática do professor, que se constitui um dos principais desafios nessa educação, como se percebe na manifestação do sujeito:

O jeito como o professor dava a aula me incomodou bastante, ele não ensinava, ele falava e os alunos copiavam para caderno e faziam um exercício, e somente isso, os alunos colavam, copiavam, saiam da sala e o professor fazia que não enxergava isso, aí eu fui questioná-lo e ele disse que era assim mesmo por conta do perfil do alunos, porque realmente eles eram muito mal encarados, eles eram bem rebarbados e revoltados, e ele disse que não tinha como passar nada além daquilo por que eles não iriam conseguir fazer (Ana, 2014).

Ana através do seu relato evidenciou entre os problemas durante seu estágio, a falta de dinâmica do professor no momento das aulas que foi justificado pelo mesmo pelo perfil e comportamento dos alunos.

Falando sobre essa realidade vivida dentro das turmas de EJA (BRASIL, 2002), afirma que, a atitude do professor deve ser de valorizar os conhecimentos e as formas de expressões que cada aluno traz de suas experiências de vida e dos grupos sociais e culturais a que estão inseridos, para que o sucesso no processo de socialização possa ser um grande aliado na garantia da permanência do jovem, do adulto e do idoso em sala de aula.

Ainda falando sobre a didática e da necessidade da intervenção do professor como mediador do conhecimento em turmas de EJA, verificamos essa necessidade através desses depoimentos de Ana:

Eu acredito que quando o professor trás uma aula mais atrativa, que prensa a atenção do aluno eu tenho certeza que alguém vai aprender, quando existe essa atratividade você pode estar supercansado, mas pelo menos aquilo vai despertar a tua atenção, é isso que eu acho que falta na EJA (Ana, 2014).

A EJA é complicado, muitos alunos lá eram de gangue, muitos não querem te ouvir, então é um desafio muito grande trazer esse aluno, eu não acho impossível, mas é um grande desafio (Ana 2014).

Os depoimentos da docente Ana apresentam uma questão bastante comum que acontece em sala de aula, o professor é passivo no momento de ministrar aulas

na EJA. Segundo a entrevistada a forma como o professor conduz a aula repassa aos alunos a sua falta de empenho e recursos para lidar com a situação o que evidencia ausência de preparo dos professores.

Nesse sentido Moacir Gadotti (2000) nos diz que ser professor hoje é viver intensamente o seu tempo, conviver; é ter consciência e sensibilidade. Não se pode imaginar um futuro para a humanidade sem educadores, assim como não se pode pensar num futuro sem poetas e filósofos.

Gadotti (2000) complementa:

Os educadores, numa visão emancipadora, não só transformam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também formam pessoas. Eles fazem fluir o saber (não o dado, a informação e o puro conhecimento), porque constroem sentido para a vida das pessoas e para a humanidade e buscam juntos, um mundo mais justo, mais produtivo e mais saudável para todos. Por isso eles são imprescindíveis. (GADOTTI, 2000, p.09)

A função de ser professor da EJA deve ir muito além da transferência de conhecimento, mas também, fazer que esse conhecimento faça sentido para a vida dos alunos, desse modo a contribuir para a formação de uma sociedade mais justa e produtiva e mais saudável.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa apontou para uma investigação da prática docente dentro de turmas de EJA durante o curso de formação do professor em Biologia, em que a pesquisa busca revelar possíveis aspectos positivos, negativos e problemáticas advindas das experiências de alunos da graduação durante suas práticas de estágio em turmas de EJA. Nesse sentido muitos aspectos emergiram e ficou evidente que a formação docente para esta modalidade de ensino precisa ter um melhor amparo e a capacitação do futuro professor que vai atuar nesta área, essa formação deve ser pensada e planejada haja vista cada aspecto que está vinculado a esta área de ensino.

Essa pesquisa apontou que existem aspectos positivos advindos das experiências de estágio que podem ser usados como pautas na hora da confecção do modelo pedagógico de ensino. Fatores como o interesse dos alunos pelas aulas, superação do aluno para estar na sala de aula, a motivação passada pelo professor ao aluno, a EJA como oportunidade de regresso aos estudos, são fatores que se aliados a metodologia de ensino poderiam facilitar o processo de aprendizagem, porque com esses conhecimentos prévios será mais fácil organizar a forma de trabalho dentro das turmas de EJA, daí a necessidade de um olhar mais atencioso para esta modalidade de ensino, a organização de novas estratégias de ensino, referindo-se não só ao método empregado pelo professor, mas também a forma como ele trata o assunto nas aulas.

Contudo, é evidente a falta de preparo de alguns professores em tornar as aulas na EJA mais atrativa para o aluno, revelando assim a falta de didática do professor, pois muitos professores não tiveram uma boa preparação docente durante o período de sua formação, como fica evidenciado nos depoimentos colhidos durante a pesquisa. Assim o resultado da pesquisa mostra que a dificuldade no ensino nas turmas de EJA pelos docentes, contribui para o desinteresse do aluno em aprender e compreender os conceitos trabalhados durante as aulas, Com isso para trazer a motivação aos alunos na busca do aprendizado é necessário não só saber aliar a teoria e prática, mas que ela possa ser trabalhada dentro de um contexto, onde os conceitos e os termos relacionados aos assuntos possam fazer referência

ao cotidiano do aluno, nos depoimentos dos sujeitos, a dificuldade de aliar a teoria e a prática foi um dos fatores negativos encontrados pelos mesmos durante as suas atividades no estágio em EJA.

Para EJA é necessário formar um professor que reflita sua prática docente e busque estratégias de ensino que possibilitem um aprendizado mais interessante e significativo para o aluno. Desse modo é possível propor melhorias que modifiquem a maneira de ensinar, criando novas metodologias inovadoras que diversifiquem a maneira de ensinar.

Além disso, encontramos também a passividade do professor perante a realidade de ensino de EJA como um dos aspectos negativos encontrados nos depoimentos da pesquisa, precisamos compreender melhor a realidade da educação da EJA e o curso de biologia precisa formar professores capazes de lidar com a realidade da EJA, agindo como sujeitos ativos na educação, na transferência do conhecimento e comprometidos com o sucesso dos seus alunos, desmotrando assim amor pela docência.

Portanto é preciso que a universidade busque novas estratégias de formação de professores para capacitar melhor os futuros professores da modalidade da EJA, pois não se pode padronizar um modelo de ensino para todas as modalidades de educação, haja visto que a EJA se diferencia das demais modalidades de ensino em diversos fatores. Se precisa conduzir uma formação inicial mais comprometida, com o processo ensino aprendizagem do aluno e através delas possa preparar melhor o professor para inserção na carreira docente. Para atuar em sala de aula o professor precisa estar preparado não só para ensinar, mais se dispor também a aprender com o aluno, e nesse processo contínuo de interação se construa um ambiente propício, onde novos conhecimentos possam ser construídos e compreendidos.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, E. R. Os sujeitos educandos na EJA. 2011. Disponível em: http://www.forumeja.org.br/files/Programa%203_0.pdf. Acesso em 16/04/2011.
- ANJOS, A> G. C. dos. Educação de jovens e adultos. 2011. Disponível em: <http://br.monografias.com/trabalhos3/educacao-jovens/educacao-jovens2.shtml>. Acesso em 09/04/2011.
- ANTUNES, Ricardo. Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 1995.
- ARBACHE, Ana Paula Bastos. A formação do educador de pessoas jovens e adultas numa perspectiva multicultural crítica. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro. Papel Virtual Editora, 2001.
- ARROYO, Miguel. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In SOARES, Leôncio, GIOVANETTI, Maria Amélia e GOMES, Nilma L.(orgs) Diálogos na educação de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. Cap. I.
- ARROYO, M. G. Educação de Jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. IN: SOARES, L.;GIOVANETTI, M. A. e GOMES, N. (orgs.) Diálogos na educação de jovens e adultos. 2.ed. Belo Horizonte: Autentica, 2007.
- AYRES, Robinson. Diversidade na educação de jovens e adultos: o dos municípios. Ipatinga, MG, 2003. Documento apresentado no telecongresso SESI de EJA. Disponível em http://telecongresso.sesi.org.br/4telecongresso/downloadAnexo.Php?arquivo=arquivos%arquivo%2Fbiblioteca%2diversidade+a+educa%E73o+de+jovens+e+adultos+o+compromisso+dos_munic5.doc> Acesso em 13 de julho de 2010.

- BARBOSA, Raquel Leite L. (org.) Formação de educadores.: artes e técnicas, ciências e políticas. São Paulo:Editora UNESP, 2006.
- BERNARDIM, M. L. Da escolaridade tardia à educação necessária: estudo das contradições na EJA em Guarapuava-Pr. Dissertação de mestrado – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006
- BRASIL. Ministério da Educação. Proposta curricular para educação de jovens e adultos. Volume 1. Brasília, 2002.
- BRASIL. Parecer CNE/CEB n. 11/2000, de 10 de maio de 2000. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Conselho nacional de Educação, Ministério da Educação, Poder Executivo, Brasília, DF, 2000. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/PCB11_2000.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2012.
- BRASIL. Trabalhando com a educação de jovens e adultos: alunos e alunas da EJA: Caderno 1. Brasília, 2006. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja_caderno1.pdf. Acesso em 10/11/11.
- BRASIL, 2007. Ministério da Educação. Documento base do PROEJA. Ministério da Educação do Brasil.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer 11/2000 Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília. Disponível
http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ccs/pebII/11_parecer_cne-ceb_11-2000.pdf. Acesso 23/03/2010a.
- BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Presidência da República, Poder Executivo, Brasília, DF, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 01 mar. 2012

- CANDAU, Vera Maria. Formação continuada de professores: tendências atuais. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). *Magistério: construção cotidiana*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CARVALHO, L. M. C.; DIAS-DA-SILVA, M.H.G.F. PENTEADO, M.; TANURI, L. M.; LEITE, Y.F. e NARDI R. Pensando a licenciatura na UNESP. Nuances: estudos sobre educação, Presidente Prudente, ano 9, n.9/10, p. 211-232, 2003.
- CURY, C. R. J. (2008): Por uma nova educação de jovens e adultos. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/vol1e.pdf>. Acessado em 28 fev. 2008.
- FÁVERO, Leonor Lopes. A Dissertação. São Paulo: USP/VITAE, 1992. 104 p.
- FERRARI, S. C. O aluno de EJA: jovem ou adolescente? 2011. Disponível em: http://www.cereja.org.br/pdf/revista_v/Revista_ShirleyCostaFerra.pdf. Acesso em 11/11/2001.
- FONSECA, M. C. R. Educação matemática de jovens e adultos: especificidades, desafios e contribuições. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- GADOTTI, Moacir. Perspectivas atuais da educação. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 2000.
- GATTI, Bernardete; BARRETO, Elba (Org.). Professores do Brasil: impasses e desafios. Brasília: UNESCO, 2009.
- HAGGE, S. M. Educação de jovens e adultos, analfabetismo e compromisso social: análise da experiência educativa do projeto alfabetização cidadã na transamazônica. UFPA, 2001. Disponível em: <http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/GT9.PDF>. Acesso em 19/04/2011.
- JANUARIO, G. O Estágio Supervisionado e suas contribuições para a prática pedagógica do professor. In: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA E

INVESTIGAÇÕES DE/EM AULAS DE MATEMÁTICA, 2, 2008, Campinas. Anais: II SHIAM. Campinas: GdS/FE-Unicamp, 2008. v. único. p. 1-8.]

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos, para que? São Paulo: Cortez, 1998.

LOPES, Selva Paraguassu; SOUZA, Luzia Silva. EJA: uma educação possível ou mera utopia? Revista Alfabetização Solidária (Alfasol), São Paulo, v. 5, 2005. Disponível em: . Acesso em: Jun. de 2012

MAFUANI, F. Estágio e sua importância para a formação do universitário. Instituto de Ensino superior de Bauru. 2011. Disponível em: <http://www.iesbpreve.com.br/base.asp?pag=noticiaintegra.asp&IDNoticia=1259>. Acesso em: 03 set. 2012.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: . (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 9-29. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 7. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2000.

OLIVEIRA, E.S.G.; CUNHA, V.L. O estágio Supervisionado na formação continuada docente à distância: desafios a vencer e Construção de novas subjetividades. Revista de Educación a Distancia. Ano V, n. 14, 2006. Disponível em <http://www.um.es/ead/red/14/>. Acesso em: 29 ago. 2012.

PASSERINI, Gislaine Alexandre. O estágio supervisionado na formação inicial de professores de matemática na ótica de estudantes do curso de licenciatura em matemática da UEL. 121f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina: UEL, 2007.

PEREIRA, D. de F. F. Educação de jovens e adultos e educação popular: um olhar histórico sobre as políticas públicas ou a ausência delas. Ecos Revista Científica. São Paulo, v. 9, n. 1, p. 53-74, jan./jun. 2007.

- PIMENTA, Selma Garrido. O estágio na formação de professores: unidade, teoria e prática? 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- RIBEIRO, Marcel Thiago Damasceno. A formação de professores e a educação de jovens e adultos. Disponível em:
<<http://www.ie.ufmt.br/semiedu2009/gts/gt10/ComunicacaoOral.pdf>>. Acesso em: 22 de jun. 2010.
- RIBEIRO, V. M. M. et al. Educação de Jovens e Adultos: Proposta curricular para o 1º segmento do ensino fundamental. São Paulo/Brasília, 2001. Disponível em:
<http://forumeja.org.br/go/sites/forumeja.org.br.go/files/propostacurricular1segmento.pdf> acesso em 22/03/11.
- SALGADO, Edmée Nunes. BARBOSA, Paulo Corrêa. Educação de Jovens e Adultos. Vol. I. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2007.
- SCHEIBEL, Maria Fani; LEHENBAUER, Silvana (org.). Reflexões sobre a educação de jovens e adultos – EJA. Porto Alegre: Pallotti, 2006
- SOARES, L.(org) Aprendendo com a diferença Estudos e pesquisas em Educação de Jovens e Adultos. Belo Horizonte/ MG:Autêntica, 2005.
- SOARES, Leôncio (Org.). Diálogos na Educação de Jovens e Adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- STRELHOW, T. B. Breve história sobre a educação de jovens e adultos no Brasil. Revista HISTEDBR on-line, v. 10, n. 38, 2010.
- TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2002.
- ZAGO, N. Processos de escolarização nos meios populares Aprendendo com a diferença In SOARES, L. Belo Horizonte/ MG: Autêntica, 2005.

ANEXOS

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
FACULDADE DE BIOLOGIA

ENSINO DE JOVENS E ADULTOS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: Memórias de Licenciandos em Ciências Biológicas

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa que tem como **objetivo investigar aspectos positivos e problemáticas do Ensino de Jovens e Adultos que emergem das experiências de estágio docente entre licenciandos em biologia, de uma universidade pública federal.** Leia as informações abaixo e discuta com quem desejar. Pergunte-nos se houver algo que não esteja claro ou caso queira mais informações.

1. Quais são os objetivos desse estudo?

- Explicitar principais aspectos positivos do Ensino de Jovens e Adultos percebidos por licenciandos de Biologia em experiências de estágio docente;
- Relacionar problemas e desafios do Ensino de Jovens e Adultos na opinião desses licenciandos.

2. Por que fui escolhido(a)?

Porque você é acadêmico da UFPA, licenciando concluinte regularmente matriculado no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas (ICB/UFPA), que viveu experiências com Ensino de Jovens e Adultos durante seu estágio de docência.

3. Eu sou obrigado a participar da pesquisa?

Não. Você é livre para decidir e também para retirar seu consentimento a qualquer tempo, sem se justificar e sem que isso afete a relação com o pesquisador.

4. Quais os riscos e benefícios em participar da pesquisa?

Não há riscos aos participantes dessa pesquisa. Como benefícios, nossa pesquisa irá contribuir com o debate sobre a temática 'Formação de Professores, Estágio de Docência e Ensino de Jovens e Adultos'.

5. As informações sobre a minha participação são confidenciais?

Sim. Todas as informações que você fornecer nesta pesquisa serão confidenciais e usadas apenas para análise dos resultados, ou seja, seu nome não será revelado fora da instituição de pesquisa.

6. E se eu quiser fazer alguma reclamação e/ou obter mais informações?

Nessa situação, você poderá protestar se dirigindo à Orientadora desta pesquisa, Profa. Dra. Sheila Costa Vilhena, contatos 87592901 – 81310709 – 92914745 (wtsp) - 32017724.

7. Se eu concordar em participar, o que devo fazer?

Você deve assinar este termo de consentimento e responder a uma entrevista.

Lembramos que sua participação é voluntária, o que significa que você não poderá ser remunerado, de nenhuma maneira, por participar desta pesquisa.

Eu, _____,
abaixo assinado, concordo em participar desse estudo. Declaro que fui informado(a) e esclarecido(a) pelo aluno/pesquisador SIDNEI DA CONCEIÇÃO MONTEIRO sobre o tema e o objetivo da pesquisa, assim como a maneira pela qual ela será feita e os benefícios e os possíveis riscos decorrentes da minha participação. Recebi a garantia de que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto traga qualquer prejuízo para mim ou para minha comunidade.

Testemunhas (necessárias quando o indivíduo que deseja participar não puder assinar seu nome):

Declaro estar ciente do inteiro teor deste **TERMO DE CONSENTIMENTO** e estou de acordo em participar do estudo, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

(Assinatura do participante da pesquisa)

(Assinatura de quem coletou as informações)

(Assinatura do pesquisador principal)

ANEXO B–QUESTIONÁRIO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
FACULDADE DE BIOLOGIA**

**ENSINO DE JOVENS E ADULTOS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES:
Memórias de Estágio em Docência numa Licenciatura em Ciências Biológicas**

DADOS PESSOAIS

Nome: _____

Sexo: () Masculino () Feminino

Fone: _____

Email: _____

1. Em Qual Estágio Você Teve Sua Experiência Com E.J.A?

2. Você Já Teve Experiência(S) Como Professor(A) De Ciências/Biologia? Quais?

3. Por Que Você Escolheu Fazer Estágio Na Educação De Jovens E Adultos?

4. Você Já Tinha Interesse Em Educação De Jovens E Adultos? Por Quê?

5. Você Se Identifica Com A Profissão Docente? Por Quê?

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

1. O Que Você Entende Por EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS?
2. Suas Experiências De Estágio Na EJA Foram Importantes Durante A Licenciatura? Por Quê?
3. Conte Episódios/Fatos Vividos Por Você Ou Pelos Alunos E Professores Da EJA Que Marcaram Em Sua Memória Naquele Estágio. O Que Te Chamou Atenção Nessa(S) Experiência(S)? Por Quê?
4. Você Percebe Problemas Relacionados À Educação De Jovens E Adultos? Quais? Se 'Sim', Por Que Ocorrem Esses Problemas?
5. Sua Formação Acadêmica O Ajudou A Lidar No Estágio Com Essa Realidade De Educação De Jovens E Adultos? Como? Por Quê?
6. Mencione Desafios Dos Professores Na Educação De Jovens E Adultos Para Melhorar A Realidade Que Você Vivenciou?